

O lúmen da Eucaristia permaneceu aceso anos afora... e encontrou na mente e nas mãos daquele jesuíta, sua mais alta expressividade teológico-literária, o poema:

Do Santíssimo Sacramento

Ó que Pão, ó que comida
Ó que manjar divino
Se nos dá no santo altar
Cada dia!

Filho da Virgem Maria
Que Deus Padre cá mandou!
E por nós na Cruz passou
Crua morte!

E para que nos conforte
Se deixou no Sacramento
Para dar-nos com aumento
Sua graça!

Esta divina fogaça
É manjar dos lutadores
Gratidão dos vencedores
Esforçados.

Este dá vida imortal
Ele mata toda a fome
Porque nele Deus e homem
Se contêm.

É fonte de todo o bem
Do qual quem bem se embebeda
Não tenha medo da queda
Do pecado!

Nota do Conselho Editorial: a pedido da Congregação para a Educação Católica e com intuito de fornecer subsídios para o Ano Santo do Grande Jubileu, a *Revista de Cultura Teológica* dedica integralmente este número ao tema da Eucaristia.

A FUNÇÃO ESSENCIAL DA COMUNIDADE NA PASTORAL EUCARÍSTICA

Mons. Dr. Sérgio Conrado

Antes de tudo, é preciso afirmar que, qualquer consideração ou apresentação teológico-pastoral eucarística deve iniciar com a constatação de que a Eucaristia é um mistério. Esta afirmação comporta algumas conseqüências. O fato de se estudar ou falar da eucaristia não quer dizer explicá-la de modo quase exaustivo pelo qual a mente humana possa chegar a compreender completamente a sua realidade. Ao contrário, significa que ficam mais claros os limites, além dos quais o mistério escapa à compreensão humana.

Embora se possa atingir certos aspectos da eucaristia usando analogias extraídas da nossa experiência, tais analogias podem dar somente uma pálida idéia da realidade eucarística. Por outro lado, a eucaristia sendo um aspecto da realização sacramental da salvação, é um mistério que é colocado pelo próprio Deus na continuidade visível da história humana.

Além disso, sendo uma realidade genuinamente histórica, ela foi inserida pelo próprio Deus na comunidade humana.

A Eucaristia é o sacramento que mais diretamente representa em nossa história o acontecimento central da salvação: o mistério da morte e ressurreição de Cristo, e celebra assim, o encontro entre Deus e o homem em Cristo, na nova aliança que ele conquistou para sempre na cruz.

É também o sacramento que mais profundamente afeta a comunidade eclesial: é realizado por esta, mas ao mesmo tempo vai construindo a mesma Igreja, comprometendo-a na urgente tarefa de salvação de toda a humanidade¹. Além desse aspecto fundamental, a Eucaristia é a causa da vida e do crescimento da comunidade cristã, bem como o centro e o apogeu de toda a ação eclesial².

Diante deste fato vital da relação imprescindível entre Eucaristia e comunidade, o objetivo do nosso artigo

¹ Cf. Decreto "Unitatis Redintegratio" 2; 15; em *Compêndio do Vaticano II*, Petrópolis: Vozes, 1968.

² Cf. Constituição Dogmática "Lumen Gentium" 26; Decreto "Christus Dominus" 30; "Presbyterorum Ordinis" 6, *Compêndio do Vaticano II*, Petrópolis: Vozes, 1968.

se torna claro: resgatar a função da comunidade no contexto pastoral eucarístico.

1. COMUNIDADE: EXPRESSÃO VITAL DA IGREJA

Na renovação e aprofundamento da pastoral eucarística e também, de modo geral, da pastoral litúrgica, um dos aspectos de maior ressonância teológico-pastoral é o papel da comunidade. Contudo, os trabalhos em torno deste tema são relativamente recentes. A primeira preocupação que se observa nestes estudos é a de examinar o conceito litúrgico da comunidade a partir do plano histórico.

Outros estudos importantes têm tido sua origem na Bíblia provocando conseqüências pastorais de grande atualidade.

Naturalmente, também a partir do ponto de vista da eclesiologia, muito se fez para esclarecer a teologia da comunidade. Contudo, e apesar do avanço que a eclesiologia adquiriu nestes últimos anos, ainda não se deu à comunidade, nos tratados da Igreja, o lugar que merece. O fato é que se trata de uma realidade evidente no Novo Testamento e nos Santos Padres; é uma realidade teológico-cultural e pastoral que sempre foi objeto de estudo e de vivência.

De todos os sinais que a pastoral e a liturgia possuem, é a comunidade a prioridade e o que antecede a todos os outros. Por esta razão é o principal sinal da Igreja.

Os historiadores, teólogos e pastoralistas, ao se debruçarem sobre a temática da comunidade, começam por estudar a Qahal judia. A assembléia do povo de Deus é uma reunião cultural convocada por Deus para a salvação de seus participantes. A história de Israel, que começa como povo organizado com a comunidade do deserto, está ligada às contínuas comunidades, até chegar à comunidade de todas as nações.

O segundo momento definitivo da comunidade é o da convocação feita por Jesus Cristo. A pessoa do Senhor, glorioso e ressuscitado, é o centro da nova comunidade cristã. A comunidade do Novo Testamento convoca todos sem distinção de raças. Porém, não é um fim, senão um começo; é um sinal da história ascendente da Igreja. Se o povo cristão se reúne a cada domingo, é para voltar a convocar os que estão ausentes.

Na Igreja primitiva, a comunidade foi o lugar em que se celebrou a palavra e o sacramento na caridade dos corações³.

A reunião dominical cristã tem sido sempre não só a melhor manifestação da Igreja, mas também a fonte e o ápice de toda a sua ação pastoral. Na liturgia e, conseqüentemente, na celebração da Eucaristia se realiza, como em nenhuma outra ação da Igreja, o mistério de Cristo. Daí entendemos porque a Igreja sempre teve um zelo especial pelo mistério litúrgico, mormente pela Eucaristia.

Na comunidade, principal sinal da Igreja e da liturgia, acontecem os sinais do culto, que só podem ser captados por quem tem fé. Mas, os homens não se convertem e nem penetram na comunidade, se não se comunicam com a divindade através de outros sinais religiosos, não litúrgicos, mas sim missionários. Os sinais da caridade são os primeiros, mais constantes e mais universais que podem captar qualquer pessoa. Mas, não se trata de uma caridade simplesmente heróica, senão transcendente. Os sinais cristãos da caridade são iluminados pela palavra de Deus, como palavra profética, antes e depois do culto. Na Igreja, isto é, na vida total dos cristãos, a palavra de Deus torna eficaz de um modo natural os sinais da caridade – ao menos na intencionalidade – como dá eficácia de um modo sacramental aos sinais do culto. Dois são, portanto, os sinais da Igreja: - os caritativos, fora da comunidade, expressão do culto natural;

- os litúrgicos, no interior da comunidade, expressão perfeita do mistério de Cristo e do ágape cristão.

Tanto o ministro ordenado como o não-ordenado e todo o cristão que atinou com a sua missão evangelizadora, que pretendam dar sinais de efetiva caridade, podem realizar cristãmente sua missão se partirem da comunidade e se a ela mesma retornarem.

2. DECORRÊNCIAS PASTORAIS DO FATOR COMUNIDADE

A análise pastoral da comunidade, sinal principal da Igreja, exige critérios teológicos, já que não se estuda uma realidade meramente profana, senão misteriosa. Mas, ao mesmo tempo, o teólogo da pastoral em sua reflexão e o pastor em sua ação que também é teológica, devem conhecer os dados que o sociólogo e o psicólogo lhes apresentam ao observar a comunidade como uma reunião de pessoas religiosas. Estes dados serão para a pastoral, sobretudo a eucarística, valiosíssimos se os critérios de análise do sociólogo e do psicólogo são confrontados com os princípios e imperativos da ação eucarística e pastoral. Enfim, não é o sociólogo que traz uma pastoral eucarística da comunidade, mas sim o teólogo da pastoral auxiliado pelo teólogo e pelo sociólogo com critérios de verdadeira simbiose teológico-sociológica e pastoral e não mera justapo-

³ Cf. At 2, 42-45.

sição de dados provenientes da revelação e da realidade.

É claro que a santificação ou a salvação Deus não as dá ao homem "em geral", "ideal", mas em suas estruturas individuais e concretas. A vocação cristã compromete o homem por inteiro em todas as suas relações sociais. Daí que é preciso evangelizar todas as dimensões do ser humano e todas as idades da vida. O homem de hoje, apesar de tudo, despertou social e comunitariamente depois de vários séculos do individualismo. Percebe-se que não só progrediu a idéia de um cristianismo social, mas que no interior das mais íntimas relações com Deus tem aparecido uma dimensão nova de manter-se ligado aos outros homens⁴.

A comunidade é um caso especial de religião religiosa de um grupo de crentes que se colocam em comunicação com a divindade. Sem dúvida, a pastoral da assembléia e, conseqüentemente, a pastoral eucarística, são hoje tão atuais graças ao descobrimento de um profundo sentido social e comunitário dentro e fora de Igreja. Insistir em um cristianismo sem sentido verdadeiro de comunidade seria hoje catastrófico, já que se marcharia contra a

história humana e, portanto, contra a história da salvação⁵.

Teologicamente falando, a assembléia é uma comunidade legitimamente convocada e atualmente reunida com a finalidade de ouvir a palavra de Deus, de rezar com toda a Igreja e celebrar o sacrifício eucarístico, esperando a volta do Senhor que veio e que virá.

No entanto, as análises de sociologia religiosa têm examinado a composição da comunidade eucarística e têm constatado que a assembléia nem sempre é um grupo, senão um simples sistema social. O fim comum nem sempre é perseguido por todos; nem sempre se percebe a solidariedade arraigada entre seus membros e nem com o clero; muitas vezes são componentes mudos, espectadores que se reúnem, em última análise, para satisfazer uma devoção individual; estão desconectados das exigências baseadas nos compromissos do grupo; o lugar de reunião – o templo – favorece, muitas vezes, com suas capelas e oratórios, o isolamento e dispersão; com freqüência, o celebrante nem sempre tem consciência de presidir uma comunidade e, conseqüen-

temente, raramente derivam da celebração eucarística dominical os critérios cristãos para se atuar no ambiente de trabalho ou de lazer, no ambiente familiar ou no social.

O resultado dessa análise, que não deve ser estendido, naturalmente, a todas as comunidades, feito por sociólogos com critérios básicos e com princípios tomados de uma verdadeira eclesiologia, é totalmente necessário a todos os cristãos e cristãs, sobretudo àqueles que, de alguma forma, assumiram algum trabalho pastoral e se sentem responsáveis pela evangelização.

Sem a comunidade Eucarística é impossível a vida cristã, já que a eucaristia é o ato privilegiado através do qual se manifesta e se atualiza a Igreja. Desde o nosso nascimento e o batismo que nos introduz em uma comunidade eucarística concreta, até a nossa morte e a liturgia fúnebre, que celebra a passagem de uma assembléia também concreta, à comunidade celestial, toda a vida pessoal do cristão está religada, ainda que inconscientemente, a uma comunidade.

Portanto, diante da realidade fundamental que é a comunidade e para uma verdadeira pastoral eucarística, é preciso examinar na comunidade algumas questões:

a) A atitude de pertença que possui cada um dos seus membros. Naturalmente, não se sentirão unidos os membros da comunidade se ela não for viva, real e dinâmica. É necessário que todos cheguem à convicção de que sem a comunidade se torna mais difícil uma participação eficaz na vida de Deus.

b) A participação ativa de cada membro da comunidade. Quando um grupo de indivíduos têm consciência de afiliação no mesmo grupo e participam ativamente do interior do mesmo, formam uma comunidade. A formação de uma mentalidade comunitária, guardadas as reais e justas diferenças e diversidade, deve ser um dos objetivos específicos de qualquer responsável de comunidade. Seja ordenado ou não.

c) O grau de hierarquização que toda comunidade cristã possui. A comunidade é um sacramento de unidade, isto é, um povo santo congregado e ordenado sob a direção dos bispos. Ao interno da mesma comunidade há uma série de serviços que devem ser realizados na unidade. Não há um único serviço que esgote todas as necessidades da comunidade. É claro o perigo de clericalizar a comunidade se ela estiver somente voltada para si mesma.

d) O sentido universal e católico a respeito de todos os seus componentes. A comunidade não responde a uma aceção de pessoas ou a qual-

⁴ Cf. D. Chenu. La revolution communautaire et l'apostolat, in *La Parole de Dieu*, II, L'Évangile dans le temps (P.1964) 363 – 378.

⁵ É interessante observar a aparição da palavra assembléia e/ou comunidade nas publicações destes últimos anos: missal da assembléia, livro da assembléia, guia da assembléia, etc.

quer privilégio humano⁶; muito menos é formada pelos "puros" ou por um grupo reduzido de fervorosos; está aberta especialmente aos pecadores e afastados, com os quais realiza uma verdadeira obra de evangelização.

e) A atividade pastoral incorporativa e de crescimento que possui a comunidade. Ela não esgota o campo das atividades da Igreja, mas exige uma pedagogia para incorporar novos membros através dos sacramentos da iniciação e levá-los à maturidade da fé e da ação caritativa e transformadora.

f) As relações entre comunidade eclesial e comunidade humana. Em uma situação sociológica rural, a comunidade cristã tem uma correspondência lógica com a comunidade humana subjacente. Mas, ao transformar-se a comunidade humana, sobretudo na cidade, é necessário que a fisionomia da comunidade cristã adquira também certas características adequadas ao urbano.

g) Comunidade paroquial e comunidade episcopal. A Igreja não vive totalmente no nível da assembleia paroquial, já que a paróquia é uma participação na igreja local presidida pelo bispo. É necessário redescobrir e fomentar uma verdadeira colegia-

lidade de comunidades paroquiais sob a direção do bispo ou de seus delegados. A profunda relação entre as diversas comunidades é uma realidade que deve ainda ser muito trabalhada, pois a tentação de cada uma voltar-se para si mesma e tornar-se auto-suficiente, como se isso fosse possível, é bastante grande e forte.

Percebemos, pois, que a comunidade é uma das realidades pastorais mais transcendentais na renovação pastoral atual, sobretudo no que diz respeito à Eucaristia. Foi à comunidade, na pessoa dos integrantes do grupo dos doze, que Cristo confiou o "fazei isto em memória de mim".

3. COMUNIDADE: EXPRESSÃO VITAL DA EUCARISTIA

Não há dúvida que, apesar do egoísmo e do egocentrismo, o viver em comum é uma das características do ser humano. Vimos anteriormente como a comunidade é ao mesmo tempo a base e a meta de convivência seja na sociedade em geral, como na Igreja em particular. Pois bem. A pastoral eucarística e sua permanente necessidade em renovar-se buscam resgatar esse elemento fundamental que o tempo e as mais diversas preocupações da Igreja, no decorrer dos

séculos, relegaram a um segundo plano.

Os primeiros seis séculos depois de Cristo nos dão testemunho do grande período de desenvolvimento não só da teologia como também das formas de celebração eucarística. As reuniões dos cristãos para celebrar a Eucaristia eram verdadeiras expressões de vida comunitária. É certo também, por outro lado, que de simples celebrações domésticas, estas reuniões dos cristãos se transformaram em elaboradas liturgias papais dos séculos VI e VII que transferiram o esplendor da corte imperial para a basílica cristã. As reconstruções das formas mais antigas da Eucaristia apresentam uma celebração eucarística de tipo doméstico, comunitário, não muito diferente dos mais solenes encontros religiosos de família que eram característicos do calendário litúrgico hebraico. Com o Edito de Milão do século IV, a celebração eucarística adquire um caráter mais oficial. A celebração era feita na basílica; o bispo sentava-se em um trono e a cerimônia se torna mais elaborada com a introdução do ciclo das festas, a ladainha do ato penitencial e as orações do bispo que presidia a celebração, recitadas sobre os dons de todo o povo. Pouco a pouco começou a seguir um esquema fixo para o cânon que, embora fosse deixado para a capacidade de improvisação de cada bispo ou celebrante, começava a incluir um determinado

número de elementos entre os quais estavam colocadas as palavras da consagração. O lugar dos sacerdotes era no presbitério e não no altar. Sua função era assistir ao bispo em tudo o que era necessário ou desejável na preparação das ofertas, no partir o pão e no distribuir a comunhão. Somente com o aumento do número dos cristãos, foi necessário ter mais de uma igreja em cada cidade. A partir daí começou a existir a igreja titular ou paroquial cujo sacerdote era titulado para servir o bispo naquela determinada igreja; o número de sacerdotes dependia das efetivas exigências eucarísticas de uma determinada cidade. E também em tais igrejas paroquiais, a Eucaristia era celebrada somente como uma extensão da Eucaristia do bispo.

Na realidade, constata-se nestas disposições da celebração eucarística nos primórdios, o sentido profundo de unidade e de comunidade. Longe estava do universo religioso cristão pensar a celebração eucarística e sua conseqüente pastoral como algo individual, particular.

Com o início do século IV, as linhas principais da celebração eucarística, como é conhecida hoje no ocidente, foram consolidadas. Em meio a esta evolução e variação, está presente, no entanto, um elemento constante: a Eucaristia era sempre uma experiência comunitária. O paradigma em torno do qual se concentrava a

⁶ Cf. 1Cor 12, 13; Gl 3, 28.

⁷ Cf. Lc 22, 19; 1Cor 11, 24.

reflexão teológica dos padres da cultura cristã era a celebração da Eucaristia por parte da comunidade cristã em uma determinada cidade ou paróquia. Era sublinhada de tal modo a unidade da assembléia que celebrava a Eucaristia, que era permitida somente uma missa em cada igreja e em um único altar. Somente no século V foi permitido celebrar uma outra missa para aqueles que não podiam estar presentes à Eucaristia do bispo e, inclusive, celebrar no altar⁸.

Assim, a imagem da Eucaristia, que formava a base da reflexão teológica, era aquela da Eucaristia celebrada pela comunidade cristã inteira, reunida ao redor do bispo. O bispo celebrava a Eucaristia, mas a comunidade era considerada como concelebrante com ele, cada um conforme sua atribuição na comunidade. Sublinhava-se na teologia da Eucaristia, desde o início, o fato de que a Eucaristia é a imagem e fonte de unidade da comunidade cristã. Este pensamento é constantemente repetido por Santo Inácio de Antioquia e outros Padres da Igreja.

Assim, a Eucaristia é, na verdade, a imagem da unidade da Igreja, o sinal visível de que bispos, sacerdotes e fiéis cristãos são todos membros da comunhão da Igreja, e que esse é o testemunho da ortodoxia da sua con-

dição de vida e de seu ensinamento.

Ao relacionarmos, portanto, comunidade e pastoral eucarística, dada a sua fundamental exigência mútua, é preciso lembrar a urgência da renovação da comunidade. Ainda mais, quando hoje, determinados setores da Igreja tomam a Eucaristia como algo quase separado da comunidade, como que se pudesse celebrar verdadeiramente a missa destacada de um de seus elementos fundamentais.

4. URGÊNCIA DE RENOVAÇÃO DA COMUNIDADE EUCARÍSTICA

A comunidade é uma das realidades pastorais mais transcendentais na renovação pastoral eucarística atual. Como sinal da Igreja, manifesta toda a dimensão comunitária que o povo de Deus possui; e como sinal litúrgico, revela a situação do povo de Deus como protagonista de uma história de salvação. Na comunidade se realiza a pastoral de conjunto em sua tríplice dimensão: profética, sacerdotal e pastoral.

A comunidade cristã não se improvisa. Exige uma contínua e profunda preparação. Para isso, é preciso preparar as atividades de seus membros com seriedade e rever sempre cada uma das celebrações por ela realizada. Não se convoca a comuni-

dade eucarística para cumprir um preceito jurídico, senão para atualizar o acontecimento pascal que salva os homens e as mulheres.

É preciso, por outro lado, evitar a tentação, sempre presente, da repetição mecânica. Ao contrário, fazer a celebração comunitária suficientemente nova, isto é, levando em conta o tempo e a realidade em que se vive. E ainda que a comunidade viva antecipadamente a realidade misteriosa de uma celebração eucarística que pregusta a vida eterna, deverá sempre ter consciência de que é temporal, de que se divide cada vez que se reúne, porque é essencialmente missionária, já que não terminou ainda o tempo da missão. Daí é necessário que a comunidade eucarística dê aos problemas reais humanos uma resposta deduzida dos mistérios de Deus. E esta resposta será concreta quando deixar de ser padronizada, moralizante. E exatamente por umas comunidades eucarísticas serem ainda bastante frágeis e não terem sempre uma relação concreta com os problemas da vida e nem manifestarem em seu interior uma coesão interna firme, é que seus responsáveis – e especialmente o presidente da assembléia – devem se empenhar para que o silêncio sagrado na comunidade eucarística seja interrompido com palavras essenciais e não com modis-

mos e que cada um dos seus membros receba a mensagem de Cristo como se unicamente fosse dirigida a ele mesmo.

5. A COMUNIDADE E OS TEMAS CENTRAIS DA CATEQUESE EUCARÍSTICA

Nunca será demais insistir sobre a necessidade de uma verdadeira catequese eucarística em nossas comunidades para que, de um lado, a Eucaristia não seja tratada como uma realidade apenas devocional, e de outro, a comunidade não seja apenas um aglomerado de pessoas que se reúnem para satisfazer suas devoções particulares ou cumprir um preceito jurídico. É urgente que se resgate concretamente o sentido de uma comunidade eucarística viva, atuante e missionária.

Através do Novo Testamento, da Instrução sobre o culto do mistério eucarístico, da *Mysterium Fidei*, do Vaticano II nas constituições sobre a Igreja e a liturgia e de estudos pastorais pode-se traçar umas orientações práticas sobre esse ministério catequético. Claro que a dificuldade de uma catequese eucarística existe a partir da própria teologia do tratado sobre a Eucaristia que não evoluiu e nem foi aprofundado suficientemen-

⁸ H. Schmidt. *Introductio in Liturgiam Occidentalem*, Roma: 1960, pág. 410.

te⁹. Ao perder-se o sentido primitivo da Eucaristia, surgiu no século XIII uma teologia do sacramento e no século XIX foi elaborada uma teologia do sacrifício sobrepondo-se a certos aspectos eucarísticos essenciais. Todo intento de simplificar ou limitar a Eucaristia a alguns de seus aspectos particulares, por mais importantes que sejam, equivale a um empobrecimento e adulteração. Daí, alguns critérios para uma verdadeira catequese e pastoral eucarísticas:

- Partir de uma visão eucarística global. Para garantir a visão unitária não é suficiente uma análise ontológica da Eucaristia; é necessário situar o mistério eucarístico na história da salvação e para isso é imprescindível comparar os principais textos eucarísticos litúrgicos com os bíblicos.

- Partir do coração da Eucaristia que é a própria oração eucarística. Como esta oração do cânon possui diversos elementos de desigual valor, é preciso conhecer sua importância e significado, pois a Eucaristia é a celebração de Deus revelada e comunicada do mistério de Cristo em uma

oração de tipo especial em que a própria oração une a proclamação das maravilhas de Deus à sua representação em uma ação sagrada.

- Manifestar sempre a relação que existe entre a Eucaristia e a Igreja universal e particular, pois para a Eucaristia se ordenam os outros sacramentos, as ações eclesiais e nela se encontra todo o bem espiritual da Igreja e, daí, ser ela também o centro da igreja particular.

- Por fim, é preciso ver as implicações da pastoral catequética eucarística, da celebração da Eucaristia e de seu estudo na vida cotidiana dos fiéis. A Eucaristia atinge, por sua própria natureza, todas as dimensões da vida do homem e a dicotomia entre a fé e a vida diária de muitos cristãos e católicos continua sendo um dos mais graves erros de nossa época.

À luz desses princípios, podemos elencar a título de ajuda, alguns temas centrais que não podem, de maneira alguma, ser deixados em um segundo plano na busca de uma verdadeira renovação da comunidade em relação à Eucaristia. Eis, portanto:

- A Eucaristia é, em primeiro lugar, o memorial da morte e da ressurreição de Cristo, isto é, do seu mistério pascal realizado em quatro etapas: preparação ou profecia no Antigo Testamento, presença histórica com Cristo, realidade sacramental na liturgia e antecipação escatológica do Rei da Glória. É o grande mistério que ilumina não só os cristãos, mas todos os homens de boa vontade.

- Em segundo lugar, a Eucaristia é o sacramento da unidade da Igreja, "sinal de unidade e vínculo de caridade"¹⁰.

- Em terceiro, a Eucaristia é a oração de ação de graças por nossa libertação. Tudo na Igreja deve estar direcionado para ser ação de graças, especialmente na Eucaristia.

- Em quarto lugar, a Eucaristia é o banquete da família dos filhos de Deus, onde se encontra todo bem espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, uma páscoa e pão vivo que dá vida a todos os homens, vivificado e vivificante pelo Espírito Santo.

- Além disso, penhor da glória futura, a eucaristia é a espera do retorno do Senhor. As esperanças de vida e de ressurreição que suscitam todas as orações pastorais culminam

no sacramento escatológico cristão que é a Eucaristia, que antecipa o advento glorioso do mesmo Senhor, quando Ele entregar o Reino a seu Deus e Pai¹¹.

- Finalmente, a Eucaristia é uma comunidade missionária. Não só aceita os batizados convertidos, mas também impulsiona a todos os seus membros para que manifestem no meio da sociedade e no mundo a missionariedade da Igreja, sem a qual a comunidade eclesial perde a sua razão de existir.

CONCLUSÃO

Constata-se que a eucaristia é uma realidade muito viva na Igreja de hoje. Depois de séculos de uma certa paralisia eucarística, potenciaram-se novos valores positivos da mesma, foi redescoberta sua centralidade para a vida da comunidade e para a sua missão no mundo.

A própria celebração eucarística melhorou notoriamente na última reforma: a comunidade dos fiéis tem mais consciência de seu papel protagonista; devolveu-se à palavra de Deus sua prioridade; os sinais e o próprio rito se tornaram mais compreensíveis

⁹ Para uma visão global histórica, pode-se recorrer, entre tantas publicações, a J.J. Rodrigues Medina. *Pastoral y catequesis de la eucaristia. Dimensiones modernas*, Salamanca: 1966; um tratado sobre a eucaristia baseado nas fontes bíblicas e litúrgicas realizado por L. Maldonado em *La plegaria eucarística*, Madrid: 1967; D. Borobio (org.) J. Aldazábar. *A Eucaristia*, em *A Celebração na Igreja*, 2 Sacramentos, São Paulo: Loyola, 1993.

¹⁰ Constituição "Sacrosanctum Concilium" sobre a Sagrada Liturgia, 47, em *Compendio do Vaticano II*, Petrópolis: Vozes, 1968.

¹¹ Constituição "Presbyterorum ordinis" sobre o ministério e a vida dos presbíteros 2, idem.

e autênticos a ponto de facilitar a sintonia com o mistério celebrado; a sua nova linguagem e os novos Lecionários colocaram a palavra de Deus mais ao alcance de todos; os esforços, oficiais ou particulares, de adaptação às diferentes culturas e grupos. Isso tudo, aliado a uma maior compreensão teológica e à exegese bíblica resgatando algumas categorias herdadas do AT que nos explicam a Eucaristia como bênção, memorial, páscoa, etc., faz com que o processo de amadurecimento sobre a Eucaristia e sua última coligação com a comunidade seja uma experiência vivida alegremente pela Igreja. Salta aos olhos a preocupação de organizar mais e melhor as comunidades como o lugar teológico em que se manifesta mais claramente o mistério eucarístico de Cristo e o protagonismo do Espírito Santo. Chegou-se a um equilíbrio mais claro entre os diversos aspectos do mistério eucarístico: celebração e culto, Palavra e Sacramento, presidente e comunidade, presença e comunhão. Vemos com maior profundidade a intenção da presença real do Senhor ressuscitado no sacramento, assim como de seu acontecimento pascal na cruz. Através de numerosos acordos ecumênicos destes últimos anos, estamos chegando a uma certa convergência positiva sobre este sacramento central de todos os cristãos.

Não há quem não se entusiasme vivendo estas novas realidades que a vida pessoal, comunitária, a teologia e pastoral e, sobretudo, a própria decisão de Jesus Cristo em estar no meio de nós, abrem para nós que temos fé e para todos os que buscam com sinceridade a Deus.

Assim, com valores claramente conquistados, e com interrogações muito vivas, a comunidade eclesial continua celebrando seu sacramento central, ciente de seu lugar e função no mistério eucarístico, com a maior vontade de ser fiel ao mandato de Cristo.

O nosso Ano Jubilar 2000 é um tempo em que, à luz da Trindade Santa e da força divina do sacramento da Eucaristia, as comunidades, todas elas, sem exceção, deverão se abrir para o mistério da Eucaristia para que a renovação da teologia e da pastoral eucarísticas prossigam a fim de que Jesus Cristo seja melhor manifestado e testemunhado, por palavras e ações, aos homens de cada tempo e de cada lugar.

Mons. Sérgio Conrado é Doutor em Teologia Pastoral pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma e Coordenador do Departamento de Pós-graduação em Teologia Pastoral na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

EUCARISTIA: UMA COMENSALIDADE CONFLITIVA

Pe. Dr. César Teixeira

1 – INTRODUÇÃO

Esta reflexão tem o objetivo de sublinhar alguns aspectos da comensalidade conflitiva que, no Evangelho de Marcos, culmina na Instituição da Eucaristia. Estudiosos afirmam que a cena da última ceia é o desfecho final das conflitivas histórias de refeições que vêm sendo desenvolvidas desde os primeiros capítulos do Evangelho de Marcos. A cena da última ceia completa o drama destas histórias, e o conflito que se constrói ao redor delas é interpretado na última ceia. O interesse por estas histórias é o de sublinhar a prática de Jesus e seus discípulos nos contextos que envolvem comida/conflito. Com isto, Marcos enfrenta o verdadeiro significado do comer com Jesus (a Eucaristia), base de conflito em sua comunidade, mas ao mesmo tempo esclarecedor da

necessidade de comer do “pão partido” e do beber “o cálice amargo”¹.

2 – A MESA DE REFEIÇÃO NA ARENA DOS CONFLITOS

Seguindo a seqüência das histórias de refeições no Evangelho de Marcos; faz-se necessário percorrer esse caminho na tentativa de adentrar no mundo de Jesus frente aos conflitos de seu tempo. Levar-se-á em conta, nesta seqüência, não tanto o controle metodológico, mas sobretudo algumas chaves de leitura como as de “ações” que implicam na determinação dos atuantes, as de “situação”, enquanto ação situada no tempo e no espaço e as chaves de “cultura”, compreendendo os símbolos, a sociedade e as normas; tudo isto ajuda a clarear os sentidos que estão conotados e em constante migração².

¹ Cf. ROBBINS, V. K. “Last Meal: Preparation, Betrayal, and Absence [Mark 14:12-25]” in W. H. KELBER (editor). *The Passion in Mark. Studies on Mark 14-16*, Philadelphia: 1976, p. 34-35.

² Cf. GALLARDO, C. B. *Jesús, hombre en conflicto. El relato de Marcos en América Latina*, (Colección Presencia Teológica 30) Santander: 1986, p. 37. PESCH, R. *Il vangelo di Marco*, vol. 1, (Commentario Teologico del Nuovo Testamento) tradução italiana, Brescia: 1980, p. 83-84: “Le parole chiave ‘pane’, ‘mangiare’ e ‘sziarse’ (6,31.36.37.38.41.42.44.52;7,2.3.5.27.28; 8,1.2.4.5.6.14.16. 17.19.20) costituiscono agganci compositivi e i temi della comprensione e dell’incomprensione, della purezza e dell’impurità sono motivi conduttori di questa parte del libro”.